

FUNÇÃO PATERNA E AGRESSIVIDADE DO COMPORTAMENTO DO ADOLESCENTE AUTOR DE ATO INFRACIONAL

Tharso Peixoto Souza

RESUMO

A contemporaneidade presencia um crescimento de atos infracionais violentos envolvendo adolescentes, apesar da existência de inúmeras políticas públicas que objetivam tratar a questão. A Psicanálise aponta, diante disso, para um sentido do ato que revela um sujeito. Um ato violento, assim como um sintoma, diz de um gozo do sujeito que não foi tratado no simbólico, ou o foi de modo precário. Em razão do empobrecimento do Nome-do-Pai na atualidade, o adolescente se vê “desbussolado”, inventando assim novos Nomes-do-Pai, sendo que em muitas situações nas quais esse gozo domina e introduz o sujeito num ciclo de morte, a violência se constitui uma possibilidade de saída do sujeito diante do Outro total e tirânico. Esse ciclo é alimentado por um discurso de violência, que é naturalizado no contexto social e que é constituído a partir da ideologia na qual o adolescente responde do lugar de resto e da ausência da falta.

Palavras-chave: Violência, Função paterna, Gozo.

ABSTRACT

Today's society has seen an increase related to infrational acts involving teenagers, despite the existence of several public policies which aimed is covering this issue. Psychoanalysis leads to another direction which is related to the meaning of the act that reveals a person. A violent act, as well as a symptom, talks about a *jouissance* of a person which was not dealt in the symbolic, or it was in a peccary way. The psychoanalysis, therefore, points to another direction to the treatment of this social issue. On account of the impoverishment of the father figure nowadays, the teenager sees him/herself as a person without a direction, inventing new father figures, and in several situations in which this *jouissance* prevails and puts this subject into a death cycle, so violence constitutes a possible way out of this subject in face of the other total and tyrant. This cycle is fed by a discourse of violence that is naturalized in a social context in which the adolescent answers from the leftovers position and absence of faults.

Key words: Violence, Fatherly role, *Jouissance*.

INTRODUÇÃO: É DA LINGUAGEM QUE BROTA O SENTIDO

Acho que eu estou tentando dar uma visão de problema. E vendo como um problema, eu acho que ele precisa ser mostrado. (...) Se ele continuar escondido como sempre ficou, as pessoas vão acabar ignorando. (FALCÃO, 2006, 00'39")

Como uma epígrafe ao (des)enredo da vida de um menor infrator, o rapper MV Bill dá a abertura ao documentário “Falcão: Meninos do Tráfico” lançado no ano de 2006 pela Central Única das Favelas. Seu anúncio defende a necessidade de se saber daquilo que, segundo ele, sempre foi ignorado pelo restante da sociedade brasileira: o envolvimento, vida e morte de menores no mundo da marginalidade, tráfico de drogas e assassinatos. Uma realidade difícil de esconder, uma vez que no Brasil, os dados oriundos das pesquisas denunciam o crescimento do número de adolescentes envolvidos em ações violentas e infrações à lei em vigor. Sabe-se que de 10 atos infracionais ocorridos, 7 envolvem adolescentes de 16 a 18 anos nas grandes cidades do Brasil (CARVALHO, 2015). Levando em consideração a análise do Ministério Público, 4,4 mil dos 22 mil processos envolvem menores de idade em São Paulo. Esta, entretanto, não é apenas uma realidade paulista. A Secretaria de Assistência Social e Cidadania do Estado do Piauí revela ainda que de todos os crimes cometidos por menores, 32,2% foram homicídios e estupro (ESTUPROS..., 2015). Segundo os dados divulgados pela Secretaria de Defesa Social do estado de Minas Gerais (SEDS, 2016), a violência cresceu 1,49% no primeiro bimestre de 2016 em todo estado. Sabe-se que há 1,6 mil menores recolhidos em instituições de privação de liberdade em Minas Gerais (SEDESE, 2015) e que autoridades policiais afirmam um crescente envolvimento de menores em crimes violentos no estado (PARREIRAS, 2012).

Todo esse incremento da violência envolvendo adolescentes não é, contudo, um fenômeno social esvaziado de um sentido, uma vez que sua ocorrência se dá num contexto de uma sociedade consumista, na qual impera a imagem e um estado de anomia, os objetos de consumo são fluidos, fugazes e incapazes de trazer ao sujeito alguma significação (LAIA, 2010). Nesse solo fértil, crescem as múltiplas expressões de um vazio de sentido presentes desde o individualismo exacerbado aos ataques de fúria, que perpassa todas as classes sociais. Por esta razão, há de se ir além daquilo que os dados obtidos nas pesquisas reconhecem. A que se dirige essa violência? Que sentido é esse que escapa à compreensão da sociedade e a deixa sem resposta diante da questão: por que tanta violência? Quem é esse adolescente protagonista da violência, que num movimento, aparentemente, recusa a alteridade e que rompe o laço social criando inúmeros significantes ao qual se voltam suas identidades: “rebelde”, “sem lei”, “bandido”, “monstro”, “terrorista” (CAMPOS, 2016). Não basta transgredir algo, é preciso transgredi-lo de modo violento. Por quê?

Novos cenários apontam para outros modos de enlaçamento do sujeito, sobre o qual a Psicanálise busca saber, buscando o sentido do ato que a violência consegue cristalizar. É neste contexto que se revela a figura do jovem infrator, muitas vezes indiferente a seus próprios atos violentos e também às consequências de suas ações, aparentemente à deriva em sua relação com as proibições da lei – o tabu (FERRARI, 2006). O que rege este sujeito?

FUNÇÃO PATERNA CAUSADORA DO LAÇO SOCIAL

A experiência do viver em sociedade carrega consigo seus efeitos, resultado da forma como as relações se constituem; não apenas das relações, mas da própria constituição do humano, uma vez que o sujeito é constituído mediante as relações que mantém com um Outro (FREUD, 1982 [1913]; LACAN, 1998 [1949]). A hipótese apresentada pela Psicanálise para o surgimento do laço social, no texto freudiano intitulado “Totem e Tabu” de 1913, se fundamenta numa situação mítica na qual a civilização se origina e se desenvolve na instauração de uma lei, que se fundamenta na ambivalência do amor e do ódio e cujo contexto é ocasionado por um ato de agressividade, mas que é fator constituinte tanto da sociedade quanto do humano (CABAS, 2009). Em Totem e Tabu (1982 [1913]), Freud faz alusão ao totemismo para explicar a universalidade do Complexo de Édipo e o surgimento do homem social. Em seu texto, o sistema totêmico seria a base da organização social da lógica da civilização, marcada por relações de respeito, proteção e proibições relacionados aos integrantes do clã e ao totem. A lei proibitiva estabelecia que os membros de um mesmo clã não poderiam ter relações sexuais entre si, exceto o pai primevo, o que levou os homens expulsos por terem desafiado esta prescrição, a cometerem o assassinato do pai pondo fim à horda paterna. Contudo, posto que o pai da horda era odiado por impedir o acesso dos homens às mulheres desejadas, também ao mesmo tempo era ele amado e admirado, seu assassinato trouxe culpa aos filhos rebeldes que infringiram sua lei. Numa refeição totêmica, comem o corpo do pai morto e firmam uma nova ordem fraterna, a qual passou a se constituir sobre os ideais do pai morto, agora na forma de tabu e culpa, ou seja, houve o acesso ao desejo, mas não sem culpa: a permuta da satisfação daquilo que é desejado pela segurança da lei (FREUD, 1982 [1913]; LEAL, 2010).

Por esta razão passou a existir a necessidade de uma lei severa, representada nas cerimônias, ritos e sacrifícios, que salvaguardasse esta ordem. Freud descreve o assassinato brutal do pai da horda como expressão de agressividade, sendo ao mesmo tempo a saída para a gênese de uma sociedade estabelecida sob a régia de uma lei, a saber, o tabu do incesto representado na prescrição de não matar o totem e não se casar com uma mulher do mesmo clã. Para que a civilização exista, portanto, faz-se necessário que a agressividade e a sexualidade submetam-se à lei do pai (CABAS, 2009; FREUD, 1982 [1930]). Assim, a lei do pai se perpetua nas gerações seguintes e, segundo Freud, passa a ser internalizada na experiência infantil do Édipo. É frente a esta lei paterna que o laço social se estabelece, mas não sem ambivalência, isto é, o pai é temido e amado, respeitado e desprezado (FREUD, 1982 [1923]).

Em seu retorno a Freud, Lacan procura enfatizar a referência permanente que em seus escritos Freud deu ao objeto em torno do qual se organiza a experiência do Édipo, ou segundo Lacan, se estrutura a metáfora paterna: o Nome-do-Pai. Foi no texto “A Organização Genital Infantil” (FREUD, 1982 [1923]) que Freud afirma:

O caráter principal dessa organização infantil é, ao mesmo tempo, o que a diferencia da organização genital definitiva do adulto. Este reside no fato de que, para os dois sexos, um único órgão genital, o órgão masculino, desempenha um papel. Não existe, pois, um primado genital, mas um primado do falo (FREUD, 1982 [1923]).

A partir da releitura de Freud, Lacan destaca que aquilo que está fora da dimensão genital propriamente e que se constitui uma falta no sexo é “susceptível de

representar subjetivamente” (DOR, 1989, p.75). É a dimensão da falta que faz emergir o objeto fálico no imaginário infantil. É dali onde lhe falta algo que o sujeito se localiza como sujeito desejante. O real da diferença sexual oportuniza na criança a construção imaginária de um objeto: o falo. Esse é o objeto que irá intermediar o triângulo amoroso da criança com seus pais, introduzindo-a na ordem simbólica da metáfora paterna. É o significante Nome-do-Pai que irá balizar a criança em sua travessia do Complexo de Édipo (DOR, 1989).

No primeiro tempo do Édipo, a criança se identifica com aquilo que supõe ser o objeto de desejo da mãe. Ela, a criança, se coloca frente ao desejo materno como aquilo que lhe falta, que lhe completa em seu ser materno, a saber o falo. O desejo infantil se encontra neste momento completamente assujeitado ao desejo da mãe, alienado nos significantes maternos. Esta absoluta alienação da criança ao desejo da mãe a coloca diante da questão de ser ou não ser o falo da mãe, convocando assim um terceiro que virá como interditor dessa relação, adentrando a criança no segundo tempo do Édipo. Lacan localiza a identificação perversa pelo sujeito exatamente na suspensão desta questão, a qual cria um equívoco a respeito da função simbólica do Pai (DOR, 1989).

No segundo tempo do Édipo, segundo Lacan, a mediação paterna irá incidir sobre a tríade mãe-criança-falo como uma interdição que ganha contornos distintos nas formas de privação, frustração e castração. O que o pai interdita? Fundamentalmente a satisfação de uma pulsão. A partir da interdição paterna, enquanto ato carregado do sentido de ser o pai o detentor do direito sobre a mãe, é que a criança renuncia sua posição de objeto fálico da mãe. Logo, a intervenção é vivida pela criança como frustração, ou seja, como a certeza da impossibilidade de satisfação. O pai surge na relação da criança com a mãe como um outro, com o qual a criança poderá rivalizar na dimensão do registro imaginário, o que permite que ela se encontre no terceiro tempo, onde ocorre um deslocamento do objeto fálico. Assim, a criança passa a compreender que a lei paterna faz a mediação do desejo materno pelo objeto que não é a criança e que não está nela - logo a faz castrada como a mãe - mas que supostamente é encontrado no pai. A criança é lançada na dialética do ter e ao pai é atribuído um lugar simbólico enquanto aquele que enuncia uma lei, uma palavra que pode mobilizar o desejo da mãe – o Nome-do-Pai. Ocorre o declínio do complexo de Édipo a partir das identificações da criança de acordo o sexo com aquele que supostamente detém o falo. Há uma simbolização da lei, que se caracteriza pela substituição do significante fálico pelo significante Nome-do-Pai. Surge o sujeito desejante: diante daquilo que lhe falta emerge o desejo (DOR, 1989).

Todo esse processo não ocorre de modo isolado na criança, mas se reproduz e se amplifica nas relações sociais e nos modos do homem da contemporaneidade lidar com os representantes paternos – as instituições, o Estado, a religião, a moral, a família - posto trazer consigo toda plenitude de sua presença, de suas sanções, de sua lei (FERRARI, 2006). Ali os mitos freudianos se encontram: o pai totêmico morto que universaliza a experiência do pai edípico. Contudo, há uma importante distinção entre o pai totêmico freudiano e o pai edípico. Enquanto o primeiro se revela como o pai que tem acesso ilimitado ao gozo, tendo os filhos como seus objetos de gozo, o pai edípico se sustenta no significante da castração, da falta que possibilita o desejo. Os filhos assassinaram o pai da horda primeva por se encontrarem diante do insuportável do gozo do Outro total, por se reconhecerem como meros objetos desse gozo mortífero, restando o ato violento contra o pai, matando-o, numa situação em que o que falta é a própria

falta. O insuportável do pai totêmico reside neste ser Um fora da lógica fálica, aquele Um gozador, que mesmo morto impede o acesso ao gozo a partir da instauração da lei fraterna (OLIVEIRA, 2006). Já o pai edípico se revela aquele que supostamente é o detentor do falo, contudo, o pai é igualmente castrado, impondo à criança a realidade de que o falo é um objeto perdido para sempre: o Outro é um outro furado, veiculando assim o desejo a partir de uma falta. Sendo assim, o pai é esse lugar de onde um gozo foi delimitado e a partir dos dois mitos freudianos vê-se que a morte do pai representa ao mesmo tempo, como equivalência, o gozo que precisa ser mortificado, excluído, castrado. Na refeição totêmica, há o retorno do gozo que não foi barrado pela lei – o tabu – promovendo a orgia de gozo pactuada num acordo coletivo, mas que perturba a ordem instaurada na civilização (OLIVEIRA, 2006).

O que se vê hoje nas expressões de violência que a criminalidade carrega é a tentativa de tratamento desse Outro como total, absoluto, gozador e, portanto, insuportável ao sujeito. Nessa situação, o gozo não se circunscreve ao sintoma, mas um gozo total se presentifica no ato (MACÊDO, 2016) como é possível se observar naquilo que norteia os discursos de ameaça dos menores no documentário: “Aí *nós* vai e mata mesmo” (FALCÃO, 2006, 14’00”). “Se tiver uma vacilação, uma suspeita de caguetação, *nós* passa fogo. Isso ai é o que o governante quer. É ver *nós* aqui mesmo, porque ele não liga pra nada” (FALCÃO, 2006, 14’09”). A ameaça é dirigida a um Outro total, gozador, não lhe sendo permitida a vacilação como manifestação da falta. Se esta aparece, é porque o Outro fará do sujeito seu objeto de gozo, reduzindo-o a um resto. Diante do insuportável a que esta operação lhe remete, o sujeito passa ao ato, rompendo essa relação com Outro, matando-o.

A violência, contudo, evidencia que o tratamento desse Outro pelo adolescente hoje não diz de um desaparecimento do Nome-do-Pai, mas sim de seu enfraquecimento em razão do declínio das grandes narrativas (MILLER, 2015), estabelecendo Um gozo ali onde havia uma relação com o pai. É desse gozo, cuja inscrição se dá no modelo do Um, daquilo que é próprio a cada Um, que o ato infrator diz: Um gozo “imundo, traficante, clandestino e fora da lei” (BARROS-BRISSET, 2016, p.132), que ocasiona a “experiência de desatamento” do sujeito de suas referências à lei paterna (BARROS-BRISSET, 2006, p.132). Algo de um mais-de-gozar que rompe com a estrutura do laço social, criando novos modelos de estabelecimento das relações sociais (FERRARI, 2006; MILLER, 2004).

Lacan situa a contemporaneidade no conceito de constelação: quando o “pai deixa de ser a estrela-guia, descobre-se a constelação” (BARROS-BRISSET, 2016, p.135), isto é, novos modos de agrupamentos significantes que não seguem a lógica do Édipo e que não se articula como cadeia, mas se estabelece no Um do individual do sujeito, marcado por sua lógica não-toda, aproximando-se da orgia do gozo compactuada que escapa da letra da lei (OLIVEIRA, 2006). Ao mesmo tempo em que o individual aponta para a singularidade do sujeito em questão, também aponta para a multiplicidade do todo. Há uma apropriação não simplesmente de um Nome-do-Pai, mas de Nomes-do-Pai. O ato prevalece sobre a palavra: “não se trata de fazer igual ao mestre, mas de fazer passar pelo furo ai inscrito, a substância que faz andar o fazer de cada um à sua maneira” (BARROS-BRISSET, 2016, p.134). É esse modo de fazer a si mesmo a sua própria maneira que configura a adolescência hoje: uma multiplicidade de fazeres na singularidade do Um. O que não deixa de ser um caminho solitário, no qual o sujeito marca e é marcado pela cultura.

ADOLESCÊNCIA: QUE SENTIDO?

Não se pode dissociar a adolescência da cultura. Cada cultura possui seus próprios mecanismos e ritos de passagem para marcar a entrada da criança na adolescência, compreendida como algo singular e ao mesmo tempo uma expressão da cultura, dos modos como o sujeito em sua despedida da infância procura se situar neste novo mundo que se apresenta tão real perante si (CUNHA, 2016). Mas essa ruptura não ocorre sem que haja algum tipo de angústia. É uma passagem dolorosa, difícil, especialmente quando o que está em jogo é um descortinar revelador de algo que foi construído na infância sobre o fundamento da fantasia incestuosa. É a partir dessa fantasia que se dá uma iniciação da adolescência: ruptura que anuncia a iniciação – o despertar da primavera (CURI, 2006; ROY, 2016).

A Psicanálise compreende que a adolescência é uma construção operada pelo sujeito sobre três princípios norteadores: a saída da infância, a diferença dos sexos e a imiscuição do adulto na criança (MILLER, 2015). Sobre a saída da infância, Freud compreendia que a puberdade é algo universal, uma transformação que experimenta o corpo infantil marcando definitivamente o abandono da infância (FREUD, 1982 [1923]). É o momento em que a criança se depara com o corpo do Outro – sendo este o segundo fundamento norteador (MILLER, 2015; ROY, 2016). A visão do corpo do Outro promove a descoberta de um enigma que permanece velado durante a infância e que ganha na adolescência um tom particular, porém que se apresenta como um prolongamento daquilo que foi construído nos anos da infância a respeito da diferença dos sexos (MILLER, 2015). Contudo, os movimentos operados na adolescência dizem de uma mudança na própria dinâmica pulsional presente no sujeito.

A questão levantada por Freud em seu terceiro ensaio intitulado “As Metamorfoses da Puberdade” (FREUD, 1982 [1923]) acerca das transformações operadas no adolescente a partir das mudanças corporais se fundamenta prioritariamente numa mudança de movimento pulsional, uma vez que na infância a pulsão se dirige ao próprio corpo do sujeito de modo parcial e com a chegada da puberdade ela se dirige completamente ao objeto sexual, isto é, um outro corpo (MILLER, 2015; ROY, 2016). Freud denomina este último estágio de “definitivo” (FREUD, 1982 [1923], p.196) em oposição ao modo infantil de funcionamento.

O terceiro elemento norteador dessa construção é a imiscuição do adulto na criança, termo apresentado por Miller e que significa algo de uma invasão, uma intromissão de um elemento novo e estranho. É o adulto, ou melhor, o gozo adulto, esse novo que se apresenta diante da criança, sendo sua aquisição aquilo que se chama de adolescência – uma certa “antecipação do adulto na criança”, segundo Miller (MILLER, 2015; ROY, 2016). É a clínica que aponta a adolescência como o sintoma da puberdade, a saída do sujeito frente a invasão que experimenta em seu corpo, suas mudanças e angústias ali vivenciadas. “A puberdade invade o corpo da criança, subvertendo tudo o que a sustentava até então” (CUNHA, 2016, p.142). Diante disso, a linguagem infantil se revela insuficiente frente ao real da puberdade e do sexo – um furo se dá na sexualidade, algo de valor significante que não alcança sentido (ROY, 2016).

Articulando o segundo e o terceiro fundamentos, pode-se afirmar que um novo objeto é encontrado na adolescência. Ainda na infância se opera uma escolha de objeto que, segundo Freud, não veicula a necessidade do objeto sexual, uma vez que

“qualquer parte do corpo serve” (ROY, 2016, p.202), a qual já garante a obtenção de prazer. Algo a mais se impõe nessa dinâmica a fim de impulsionar o sujeito a abandonar este modo perverso de satisfação: é a via do amor. Lá na infância já se delineia como um molde a dinâmica pulsional adolescente: é quando a criança dirigia à uma única pessoa – a mãe – suas aspirações sexuais visando a obtenção de satisfação (FREUD, 1982 [1923]). Desse modo fica claro que o encontro com o objeto na adolescência é, em certa medida, um reencontro (ROY, 2016). Mas não à maneira infantil. Aquele objeto primitivo que causou encantamento e que se encontrava fora do corpo da criança se perdeu. O Édipo traz essa dimensão de perda durante a adolescência: haverá um encontro com um Outro sexo, mas a satisfação do objeto primitivo se encontra para sempre perdida. Assim a adolescência diz de uma redescoberta da perda de satisfação original (ROY, 2016).

A perda do objeto será o pivô das mudanças, aponta Freud em seus Três Ensaios (FREUD, 1982 [1923]). A excitação sexual que na infância representava um forte desprazer, na adolescência representa a descoberta que é ela que habilita o corpo jovem do adolescente ao ato sexual. A inscrição desse novo saber se dá a partir daquilo que Freud denominou de “um aparelho[...] a espera do momento de ser utilizado” (FREUD, 1982 [1923], p. 197). Faz-se necessário acrescentar a isso que não são apenas as mudanças físicas ocorridas nos genitais que irá propiciar o encontro sexual, mas sim a libido que num movimento se dirige para fora em busca do objeto perdido – o falo (ROY, 2016).

Outra mudança destacada por Freud nos Três Ensaios (FREUD, 1982 [1923]) relacionada à chegada da puberdade é o desligamento da autoridade dos pais, isto é, o sujeito é convocado a lidar com os investimentos pulsionais sem a mediação dos pais. Diante da incerteza e da falta de garantia a respeito da escolha de um objeto sexual que o inclua na dimensão do Outro, o adolescente recorre primeiramente às fantasias, “representações não destinadas a concretizar-se” (FREUD, 1982 [1923], p.213) para assim antever as conseqüências de seu novo modo de satisfação. Apenas quando consegue superá-las, ou seja, “ao se avançar nessa zona em que o saber falta, que o sujeito pode se desligar da autoridade dos pais” (ROY, 2016, p.209). Ali o adolescente se responsabiliza por seu próprio desejo dirigido ao Outro como par sexual.

Desse modo, primordialmente, a adolescência é iniciada a partir do encontro com o impossível da relação sexual, naquele instante quando “o véu levantado não mostre nada” como diz Lacan (CURI, 2006). A falta no real se mostra na não-complementaridade entre os sexos – não há proporção – e alimenta a assimetria nos modos como os meninos e as meninas lidam com o novo corpo, marcado pela puberdade, mas principalmente pela ferida narcísica da castração na ausência do falo imaginário (PINTO, 2006; ROY, 2016). É ali diante daquele furo no corpo imaginário que o sujeito é convocado a responder diante de um Outro na busca de ser reconhecido por ele (CUNHA, 2016). Frente ao novo gozo que o invade, o adolescente possui a tarefa de enlaçá-lo num corpo. “Grampos são necessários para aí operar uma conexão” (BARROS-BRISSET, 2006, p.133). Contudo, essa operação se dá de modo idêntico em cada adolescente? A que o sujeito lança mão quando suas palavras lhe faltam nesta travessia?

Trata-se de um momento de tensão, de crise, quando o sujeito vê seu desejo convocado no campo do Outro, mas sem garantias. O amor e o desejo infantis já não são capazes de sustentar esse gozo novo que se situa para além do sentido da lógica fálica – “gozo sentido” – o qual necessita da mediação de um outro saber e assume a

mesma estrutura do “sem sentido” do chiste conforme posto por Lacan no seminário 5. No chiste, um terceiro é convocado com seu saber para trazer sentido àquilo que o sujeito diz, cuja meta é desconcertar o Outro ou obter seu consentimento: o sentido só advém a partir do consentimento do Outro. Na puberdade, o Outro não existe mais, contudo, numa ordem metafórica, o sujeito o convoca a partir do Nome-do-Pai, podendo assim desconcertar o Outro ou tentar obter dele o seu consentimento (ROY, 2016; PINTO, 2006).

Na atualidade dos objetos fluidos, onde os pais são destituídos de um saber e a função paterna se enfraquece, o adolescente lida sozinho com o real do sexo, ainda que haja a pressa em se extrair alguma alteridade do Outro. Porém, imerso num universo de possibilidades no caos da fluidez dos objetos, o adolescente se vê encerrado na dúvida ora adiando a travessia, ora inventando saídas, modos de enfrentamento para a metamorfose que lhe marca o corpo recorrendo ao saber que lhe está à mão, tão fácil e rápido como se observa na relação dos adolescentes com as tecnologias virtuais (MILLER, 2015, ROY 2016).

De qualquer modo, o adolescente sofre os efeitos do individualismo democrático resultante do apagamento das grandes narrativas e ideologias. É nesse ponto que há uma necessidade de algo que o balize nesse vazio que o enfraquecimento do Nome-do-Pai ocasionou, sendo os modos de enlaçamento social parte dessa tentativa operada pelo jovem. Tanto os discursos fundamentalistas como as transgressões em todas as suas formas, comportamentos bizarros, a violência pela violência, as mortes brutais parecem opções dentre tantas outras a ocupar este lugar vazio - atos que marcam uma posição de objeto frente a um Outro absoluto e gozador, caracterizando comportamentos aparentemente sem limites (MATTOS, 2016; MILLER, 2015; LAURENT, 2007).

Na situação testemunhada no documentário, vê-se nos discursos dos adolescentes a vivência real de uma travessia que aparentemente é marcada pela falta de um balizamento. Contudo, há balizas! Elas configuram um modo particular de enlaçamento em tempos de declínio da lei paterna. Torna-se recorrente nesses discursos a forma de demandar ao outro, notoriamente exemplificada na figura do “fiel”, o qual se apresenta como aquele que poderá dar ao menor o consentimento de existir a partir do que este faz para ele, do quanto demonstre a fidelidade a ele, não deixando contudo de ser objeto de gozo desse Outro para o qual olha com admiração e a partir dele constrói um ideal imaginário para si. Julga o menor que seu “fiel” tenha o saber necessário para o enfrentamento do enigma que se apresenta na adolescência? É possível, mas não exatamente sob a régua do Nome-do-Pai.

MV Bill: Teu fiel é bandido?

Menino: É.

MV Bill: Você gosta de andar com bandido?

Menino: Gosto. Por que como? Porque muitas pessoa gostam de esculachar os menor, ta ligado? Mas quando a gente começa a andar com os bandido, começa na vida do crime, elesvão tudo afrouxar pra cima dos menor.

MV Bill: O que você quer ser quando crescer?

Menino: Quero ser bandido.

MV Bill: Essas pessoas com quem você anda, que você diz que são bandidos, elas fazem o que bem pra você?

Menino: Eles dão dinheiro, fortalece (ajuda) à vera (verdade) aí.

MV Bill: E você faz o que em troca?

Menino: Em troca eles pede pra fazer algumacoisa, tipo como? Comprar lanche, comprargasolina Pras moto. Eu vou lá e faço.

MV Bill: Quem é seu maior ídolo hoje?
 Menino: Como assim?
 MV Bill: Quem é a pessoa adulta que você mais gosta?
 Menino: Que eu mais gosto? Do meu fiel. Do meu fiel, pô.
 (FALCÃO, 2006, 20'34")

É no lugar vazio ocasionado pela não operação do Nome-do-Pai que se instala a figura do “fiel”, que é um homem jovem, porém mais experimentado, e que acaba por fazer suplência ao menor. É o “fiel” quem dá do seu saber a ele em troca de sua total dedicação numa espécie de assujeitamento, formando com esse Outro total um tipo de laço social que subverte os demais modos de enlaçamento, exigindo exclusividade e obediência, além de excluir por completo a dimensão do desejo. O “fiel” fortalece, isto é, supre tudo o que o menor precisa, excluindo de sua vida a dimensão da falta.

Por que validar e sustentar uma troca assim, que é capaz de apagar o sujeito? Tendo como referência o atual modo do adolescente lidar com o saber, a relação do menor e seu “fiel” lhe garante uma resposta sem a mediação do desejo do Outro. Seguindo a lógica do momento, este adolescente compreende que a solução para a inexistência da relação sexual não se encontra no saber do Outro, mas no modo de se lidar com seu próprio Um. Para o adolescente, “o saber está no bolso, não é mais o objeto do Outro” (MILLER, 2015, p.5). Trata-se de uma auto-erótica do saber e não a erótica do saber, uma vez que o Outro se faz dispensável para se acessá-lo (MILLER, 2015; PINTO, 2006). Para os meninos do tráfico, o encontro com seu “fiel” traz um certo semblante de saber, uma saída do enigma da adolescência, contudo sem a régia do desejo. Enquanto que “para muitos adolescentes, é ao topar com o irredutível que passa pela fragilidade de um pai que a saída do túnel se esclarece” (BARROS-BRISSET, 2016, p.136), a relação do menor com seu “fiel” nada diz de um pai frágil, castrado. Ao contrário, favorece a construção desse Outro absoluto, sem falta.

Os discursos dos menores no documentário trazem a evidência do modo como o laço social é construído sem a mediação do desejo, isto é, sem o aparecimento da falta. Tampona-se a falta na justificativa do dever do ato infracional como o meio de subsistir ou dar a subsistência à mãe que foi abandonada pelo pai. Cobre-se, assim, a falta.

Pô, vou fazer 18 anos, já tô crescendo. Pô, minha mãe já fez tudo por mim. A gente tem que fazer por ela agora, né? Agora que ela tá passando da idade, a gente tem que fazer por ela. A gente sabe que é errado, mas a gente tem que fazer alguma coisa. Não tem um trabalho pra gente arrumar, entendeu? A gente tem que viver nessa condição de entrar na vida do crime. (FALCÃO, 2006, 31'54")

Meu pai não fortalecia nada. Minha coroa passava mal comigo. Aí deu a maior revolta mesmo, entrei pra essa vida mesmo, boladão. Como? Tô aí até hoje. Fortaleço minha coroa, fortaleço minha família. (FALCÃO, 2006, 31'25")

Os discursos se assemelham ao serem sustentados por um modo de gozo que quando não circunscrito pelo Nome-do-Pai, deixam de trazer o sentido da perda de satisfação, que na atualidade da ausência paterna promove uma espécie de “clausura especular” com a mãe, esta a quem o menor deve “fortalecer”, ou seja, supri-la de condições de sobreviver, mesmo que a despeito de sua própria vida ser a todo tempo

ameaçada de existir. O ato infracional surge, nessas condições, como um sintoma ou passagem ao ato na tentativa de preservar o objeto original perdido – a mãe – a quem foram endereçados os investimentos libidinais da infância (PINTO, 2006).

Portanto, nas mutações da ordem simbólica do mundo contemporâneo, invoca-se o grande Outro de tal forma que o coloque numa posição tirânica, gozador, e não mais a do saber: seja na adesão do menor na justificativa do discurso de transgressão dentro da lógica moral do “está errado, mas não tive outra escolha”, seja na emergência da força do Estado que oprime, encarcera e assujeita seus corpos (MILLER, 2015). Ocorre a invenção de modos precários e fugazes de amarração dos três registros (BARROS-BRISSET, 2016), no qual o Outro tirânico tanto é invocado na figura do policial que tortura, espanca, maltrata no lugar de proteger o menor infrator, como no Estado que é desacreditado e falho, bem como no “fiel” a quem deve total subserviência. “Aqui *nos vive* a realidade. Onde a bala come e a lei é do cão” (FALCÃO, 2006, 22’15”). Um Outro é invocado pelo adolescente no intuito de que a travessia se complete, ainda que seja um Outro cão.

AGRESSIVIDADE E VIOLÊNCIA: UM ENLAÇAMENTO DE SENTIDO

Ao mesmo tempo em que a violência é um modo de gozo que apaga o sujeito, o fenômeno como expressão social carrega um sentido que só pode ser apreendido quando compreendido enquanto manifestação de um sujeito para um outro. Que outro? Faz-se necessário buscar o sujeito em meio ao desmoronamento simbólico da lei paterna. Ir a seu encontro a partir de um tratamento do fenômeno social que se baseie na premissa de que o sentido reside no modo de enlaçamento (LACAN, 1998 [1948]). Ao que diz Lacan (1998 [1948]):

Esta subjetividade não nos pode ser objetada como devendo ser obsoleta, conforme o ideal a que satisfaz a física, que a elimina através do aparelho registrador, sem no entanto poder evitar a suspeita do erro pessoal na leitura do resultado. Somente um sujeito pode compreender um sentido; inversamente, todo fenômeno de sentido implica o sujeito (LACAN, 1998 [1948], p.105).

Ainda que no senso comum os termos se apresentem quase como sinônimos, violência e agressividade se distinguem na Psicanálise, porém como fenômenos de sentido implicam na manifestação de um sujeito. Ferrari (2006) apresenta a violência como uma expressão da agressividade e uma forma dos sujeitos lidarem com o laço social. Neste documentário é possível reunir inúmeros discursos que reproduzem a idéia de abandono do Estado e que a partir do lugar de um mero objeto esquecido por esse grande Outro que o Estado e as políticas se constituem, o adolescente se vê no dever de fazer algo, fazer um enlaçamento com a violência e a criminalidade, sendo assim visto, ainda que de um modo negativo.

Quando o Estado demanda desses adolescentes essa posição, eles respondem no real do corpo a partir de um lugar de objeto a – aquilo que completa o Outro, tornando-o total. Agindo em conformidade com esse lugar de objeto, assumem igualmente a posição de um resto:

MV Bill: Você acha que vive num país justo?

Homem: Não! Não acho porque vou ser sincero com você, cara, a criminalidade não acabaria, mas melhoraria se o salário fosse digno pra pessoa sobreviver. (FALCÃO, 2006, 53'22")

MV Bill: Você acha certo?

Homem: Achar certo ninguém acha, mas e agora? Só tem dois “*caminho*”. Um é o caminho do bem e o do mal. Fazer o quê? O do mal *tá* mais fácil, a gente caminha pro do mal. (FALCÃO, 2006, 53'52")

MV Bill: Você usa o que você endola?

Jovem: Não. Não fumo, não cheiro e não bebo. Só bebo guaraná. Como você *tá* vendo, sou um cara que nem era pra estar aqui. Na realidade, nem era pra estar aqui. Mas isso ai é o que o governante quer. É ver nós aqui mesmo, porque ele não liga pra nada. (FALCÃO, 2006, 17'17")

Sobre o propósito do documentário, MV Bill explica: “Acho que é mais um instrumento pra ajudar a pensar, a repensar as leis do Brasil, repensar o conceito de humanidade do qual se fala tanto” (FALCÃO, 2006, 56'04"). Desse modo, o laço é feito como uma suplência. Onde a lei falha, emerge a violência. O que MV Bill solicita a partir da compilação dos relatos dos menores é promover uma reflexão que possa, a partir de seus próprios atores, encontrar outros lugares de se responder a esta demanda, quando o adolescente procura se estabelecer como sujeito empoderado em seu próprio desejo. Em outras palavras, a quem responde o adolescente com o ato infracional e por que se utiliza desse meio de resposta? Ainda que o laço social diga de um modo de gozar desses sujeitos, o que se pode acrescentar a partir da constituição do eu?

Lacan nos lembra que a agressividade está presente na história remota do sujeito, no tempo da constituição do eu. Em seu trabalho intitulado “O estádio do espelho como formador da função do eu” (1998 [1949]), demonstra que a criança ao nascer não apresenta um eu coeso, uno, mas que este processo de unificação vai se dando à medida em que ela reconhece a coesão de sua própria imagem corporal, bem como o reconhecimento de que aquela imagem coesa é a sua refletida no Outro, representando-lhe psiquicamente: o eu se funda numa lógica paranóica do tipo a-a', ou seja, se constitui numa relação imaginária (da ordem da imagem) com um Outro. Anterior a essa representação psíquica do eu unificado, a imagem do corpo despedaçado faz emergir a agressividade na criança como protesto àquilo que em termos de imaginário representa o caos do descontrolo de seu corpo pulsional, bem como quando ocorre a ruptura dessa relação imaginária especular com o Outro – fonte de gozo para o sujeito – no interdito edipiano via lei do pai, no qual um terceiro, representante do Nome-do-Pai, ameaça a integridade dessa imagem e o gozo que dela advém (LACAN, 1998 [1949]).

Desse modo, a agressividade vai se apresentando na vida do sujeito a partir dessa matriz psíquica subsidiada pela operação do Nome-do-Pai e expressando-se como intenções de agressividade nos lapsos, mentiras até as explosões de raiva e violência (LACAN, 1998 [1948]). Trata-se de um estado arcaico de desamparo que assombra o eu em formação. Um eu desintegrado que é incapaz de lidar com a intensidade do fluxo pulsional que o invade (LACAN, 1998 [1949]). É o ideal do eu que a apazigua quando na imagem especular capturada, o ego se identifica com o Outro. “É nessa imagem do outro que a criança então se localiza, reconhece seu próprio desejo. É por ela se identificar com esse outro que seu desejo aparece como o desejo do outro” (POULICHET, 1995, p. 60). Contudo, o ideal do eu se fundamenta na falta do Outro, no

Outro como sujeito desejante, castrado. Assim, a lei do pai se presentifica na constituição do sujeito. A hostilidade presente no Complexo de Édipo se identifica na introjeção da imago do genitor do mesmo sexo (LACAN, 1998 [1948]). A normatividade libidinal ocasiona a normatividade cultural, resultando naquilo que lhe é subjacente, a culpa, como vista em Totem e Tabu. O rival se torna o objeto de identificação, levando o sujeito a se reconhecer a partir daquilo que reconhece no Outro (FREUD, 1982 [1913]; 1982 [1923]).

A dinâmica da criminalidade, dos atos infracionais só pode ser entendida nessa junção do intrapsíquico com o inter-psíquico. É nessa articulação entre aquilo que ocorre no campo das representações psíquicas dos sujeitos e nos processos sociais que trazem as mudanças paradigmáticas, que a lógica da violência se impõe. “Não há clínica do sujeito sem clínica da civilização” (MATTOS, 2016, p.116). Se há um declínio do pai, faz-se necessário inventar um outro que sirva de baliza aos sujeitos, ainda que de um modo precário.

Além disso, é importante capturar o discurso enquanto algo da ordem do sentido entre dois locutores. Mas não apenas isso. É preciso adentrar na dimensão da historicidade dos sujeitos que se inscreve na língua, dando-lhe sentido. Por historicidade dos sujeitos entende-se: a vivência dos sujeitos na história, que é seu campo social, e a própria constituição dos sujeitos, a qual se dá sempre à sombra de um Outro. Na produção dos sentidos, supõe-se a existência de um sistema de significantes, e também a relação deste com a exterioridade. Ou seja, aquilo da ordem da captura, do que o sujeito carrega do seu mundo real na produção dinâmica de seus significantes, considerando inclusive a partilha política dos sentidos. Visa-se a emergência do sujeito em detrimento do cidadão ou da pessoa. É o sujeito que se busca, mas não qualquer sujeito. O sujeito do inconsciente, atravessado pela linguagem e interpelado pela ideologia (ORLANDI, 1994; BRASIL, 2011).

Os discursos dos meninos do tráfico apresentados no documentário revelam como o Outro, enquanto invenção de um sujeito desbussolado, assume os contornos do pai totêmico, agigantando-se e mostrando-se sem furo, sem castração, possuidor imaginário do objeto a, diante do qual ele se mantém numa postura radical de servidão, expulsando a figura do “pai humilhado” (LAIA, 2010). Assim, é preciso matá-lo. É preciso destituí-lo de lugar de gozo ilimitado. Desse modo, ocorre o enlaçamento pela via da violência:

Com dez anos de idade eu tomei foi um tapa na cara dum “polícia”. Isso até hoje eu guardo no peito, no coração. Criou uma mágoa dele mesmo, que até então eu comecei a entrar nessa vida que hoje eu to agora, a vida do crime. (FALCÃO, 2006, 31’10”)

Meu pai morreu, faleceu. Aí eu peguei uma revolta ainda que depois me levou ao mundo do crime. Eu queria matar o cara que matou meu pai. (FALCÃO, 2006, 30’19”).

A agressividade no seu modo de violência emerge quando a representação imaginária de si mesmo se faz ameaçada, como ilustra bem este adolescente: “Amigo? Amigo meu é só minha mãe. E esse cospe-chumbo que tá na minha mão. Porque se alguém atentar contra mim, eu sei que ele vai me defender” (FALCÃO, 2006, 33’18”). Nota-se que o “mim” no discurso do adolescente se impõe no lugar do eu, de uma imagem que não pode ser ameaçada de se partir. Um “mim” que não é intermediado

pelo simbólico, enquanto aquilo que faz suplência na falta do imaginário ocasionada pela experiência de castração e que se situa no discurso no lugar do objeto “contra mim” e não de sujeito. Para a Análise do Discurso, essa apresentação da palavra na frase diz de uma interpelação ideológica, onde o sujeito não aparece (PATTI; ROMÃO, 2011).

Por esta razão, quando o Outro se apresenta tão denso, tão detentor do gozo, tão senhor, o sujeito se perde em meio às infrações da lei, tendo como ideal de eu a imagem inalcançável de um outro que não se presentifica no real. “Eu não conheci meu pai. Não sei se *tá* vivo ou se *tá* morto” (FALCÃO, 2006, 28’41”). “O meu pai eu não conheço. Não conheci até hoje” (FALCÃO, 2006, 28’37”). Essa ausência do pai no real implica, assim, numa representação psíquica de falta – falta-lhe algo, o que? – que marca seu discurso, e que não pode ser reduzida a ausência do pai biológico meramente, uma vez que a função paterna pode ser veiculada ao sujeito a partir de outros objetos. Contudo, os discursos marcam na ausência real do pai biológico aquilo que, de fato, está representado psiquicamente na falta que lhe constitui como sujeito, possibilitando como saída a via da violência, como observado no exemplo a seguir:

MV Bill: Quando você pensa em teu pai o que vem a tua cabeça?

Menino: Na minha cabeça? Revolta né, mano? Perguntar pra minha mãe quem ele é, ela não falar quem é. Isso tudo me dá uma revolta na mente. (FALCÃO, 2006, 29’22”).

Preso a um significante da ausência, da morte, o adolescente denuncia aquilo que se torna o enredo de sua existência: “meu pai morreu. Meu pai morreu quando eu tinha seis anos de idade” (FALCÃO, 2006, 30’26”). Os discursos não tentam dar sentido a morte do pai, mas tentam salvar no real o pai da morte, do aniquilamento, mantendo-o na posição de Outro absoluto: “O meu pai nunca chegou pra gente para dar nada. Ele chegava dentro de nossa casa só pra bater na gente, entendeu? Pra dar porrada na gente, entendeu?” (FALCÃO, 2006, 30’09”).

Dali da posição de objeto, ao adolescente resta deixar que seu gozo circule num ciclo de morte. Alienado na imagem desse Outro, assegura-se de que o gozar sem limites possa lhe garantir um sentido, ocasionando sua entrega ao acaso, àquilo que poderá surgir seja lá o que for. O que pode haver para além do crime?

DIANTE DA FALTA, NÃO RETROCEDER

“Eu nunca fico triste com nada. Eu sempre *tô se* drogando. Sou ladrão. Eu roubo, porque ninguém me dá nada. Se eu não roubar, ninguém vai me dar. Aí eu tenho que roubar mesmo, se eu não roubar eu vou ficar duro. Eu roubo pra viver” (FALCÃO, 2006, 36’34”). Assim se apresenta um adolescente de 17 anos, que troca a noite pelo dia e cuja existência parece se resumir na manutenção de seu vício utilizando-se de pequenos roubos. Vive sozinho, sem amigos ou qualquer contato com familiares. O crime é o significante mestre de onde se reconhece nessa relação com o Outro. Na compilação dos relatos feita por MV Bill em seu documentário, há uma marca que se repete em cada testemunho ali gravado: a mensagem que é dirigida a um Outro como um rechaço, um repúdio ao Outro do saber, do inconsciente, do laço social, também é uma mensagem dirigida a si próprio enquanto sujeito desejante. Trata-se mesmo de um protesto gritante que não se inscreve na mediação da linguagem e assim fica perdido sem sentido (PORTILLO, 2005). Sem sentido para o próprio sujeito, mas que traz um sentido quando esse discurso se dirige como um protesto ao Outro total que goza do

sujeito: “ninguém me dá nada”. É preciso, então, roubar para extrair desse Outro absoluto algo que lhe falta, perpetuando desse modo a lógica do gozo tanto no Outro como no sujeito. O protesto ganha assim um estatuto de reivindicação do acesso ao gozo do Outro e de banir a qualquer custo a falta.

É evidente nos discursos dos meninos do tráfico a ausência da fantasia: “Eu nunca fico triste com nada. Eu sempre *tô se drogando*”, ou seja, a drogadição tem ali a função de anestesiá-lo o sujeito e sem a fantasia, o desejo fica inviabilizado, uma vez que é a fantasia o suporte do desejo. Sem ela só resta ser objeto de gozo do Outro. Esse desencanto com a vida é grandemente alimentado pelos discursos de morte, apontando para um futuro limitante, onde a “morte”, a “cadeia” e a “cadeira de rodas” se constituem os destinos possíveis a esses adolescentes. Há uma predominância da utilização dos tempos verbais no presente nestes discursos. Não há futuro. A ênfase se encontra no agora, no imediato (PATTI; ROMÃO, 2011). Metáforas do gozo? Na ausência de futuro, é matar ou morrer.

Há de se considerar nesta análise que no Brasil, nos últimos anos, as políticas públicas favoreceram a ascensão das classes sociais de menor poder aquisitivo ao mercado de consumo, favorecendo por um lado o processo de erradicação das desigualdades sociais, mas por outro confundindo o sujeito-cidadão ao consumidor. Neste ponto do processo, diante da promessa de consumir tudo aquilo que lhe vier à cabeça, o jovem se deixa cooptar pelo tráfico de drogas ou exploração sexual, ao preço de assujeitar-se a este Outro tirânico, detentor do gozo ilimitado (MACEDO, 2016). Se por um lado a política de inclusão social vigente até então promovia o acesso ao mercado de consumo do mundo capitalista, por outro ocasionou a abolição do laço social pela exigência de obtenção de gozo como parte de uma economia psíquica que exclui a ética – fenômeno que não se restringe unicamente às classes mais baixas.

Contudo, tendo em vista a ideologia capitalista presente no caso brasileiro e bem exemplificado no documentário *Falcão*, o contexto da pobreza na qual vivem esses adolescentes denuncia a falta material visível nas baixas condições de saneamento e moradia, o desemprego, a ausência de recursos, os quais se apresentam de forma gritante nos discursos como algo que possa justificar o ingresso no mundo do crime, sendo, porém, esse discurso - esse protesto - aquilo que se faz representar no psiquismo como algo da ordem da falta. Por isso, um protesto que nega a falta ali representada. Muitos negam ser bandidos e até tentam demonstrar que não deveriam estar envolvidos com as “firmas” do tráfico, utilizando-se do argumento do abandono do Estado, desse Outro que o tem como objeto de gozo. Aí se dá uma *naturalização do discurso do abandono que justifica o ato infracional*, sendo que esse discurso é sustentado por essa interpelação ideológica (PATTI; ROMÃO, 2011).

O uso da palavra “fortalece”, que surge em alguns relatos, indica igualmente um contraponto à falta de força daquele sujeito enquanto menor, que sofre o “esculacho” alheio, bem como a demanda dirigida a um Outro por inserção de força vinda do capital, na medida em que o “fiel” o abastece de “tudo aquilo” que precisa, que lhe falta, seguindo assim o sentido capitalista ali dominante. O sujeito paga esse acesso ao consumo, muitas vezes com o preço do seu próprio apagamento (PATTI; ROMÃO, 2011). As generalizações dizem disso. A ideologia da homogeneidade sustenta os discursos: “é como todo mundo fala”. Quem fala? O sujeito desaparece na coletividade da “firma”, onde os apelidos e algumas designações nominais favorecem o abandono do nome que os identifica como sujeitos singulares: “vapor”, “x-9”, “fogueteiro”, “falcão”.

Os avanços no campo político não foram suficientes para aplacar o mal estar desse desaparecimento do sujeito do desejo, cujo efeito na sociedade se personifica na perplexidade que traz a violência. Esse mal estar na atualidade se dá numa relação com o objeto *a*, como diria Lacan, quando o lema é o “zênite social” do objeto *a* pelo efeito de angústia provocado pelo esvaziamento que o discurso moderno capitalista produz no sujeito (PORTILLO, 2007). Há um gozo sustentado na lógica capitalista que se vincula (veicula) ao (no) estilo de vida daqueles que entram na criminalidade: na exibição das armas, do poder de vida e de morte, das garotas que se impressionam com as armas ou com a “motinha”, dentre outros. Um gozo que escamoteia a falta, mas que encontra no ter, no consumir, no poder do consumo, sua marca mais evidente dentre esses adolescentes (PATTI; ROMÃO, 2011).

Junto a isso, identificam-se dois tipos de ilusões que permeiam os discursos do adolescente infrator. Um é o de tudo poder, o que o leva a não temer nada, a se deixar naturalizar pela violência. O segundo é o de nada poder, no qual o nada ressoa como a cicatriz da falta que se faz sentir nos corpos (PATTI; ROMÃO, 2011). Há de se considerar que viver à margem de uma sociedade equivale a viver numa zona de indeterminação, como é exemplificado no caso brasileiro nas favelas dominadas pelo tráfico. Muitas vezes, a passagem ao ato se mostra a alternativa mais evidente para que esses adolescentes saiam dessa zona de indeterminação – lugar de anomia. A explosão da violência, as múltiplas transgressões das leis, a destruição do outro nos lembra que estamos no campo do gozo sem palavras, do desamarramento, da lógica avessa do falo (MACEDO, 2016). E seu enunciado se presentifica nos meios de comunicação de massa, com suas imagens e repetições que expõem a agressividade sem bordejá-la com a palavra. O ciclo, ou o curto-circuito da palavra, já representa, neste caso, um mecanismo que perpetua o estado caótico das coisas, as incompreensões, o ódio, a discriminação, a violência, demonstrando nas vivências o modo de tratamento que a contemporaneidade tem dado ao gozo (FERRARI, 2006).

Quando as operações simbólicas se empobrecem e as relações de identificação declinam, crescem as possibilidades de construção do Outro totalitário e tirânico, o qual oferece uma superidentidade, uma ideologia e a garantia de laço social, recuperando assim o mundo do Pai edípico que existia antes (MACEDO, 2016). Os limites são expandidos (ou inexistem?), uma vez que o Outro do laço social declina juntamente com os ideais que regiam o sujeito. Irmandades de gozo surgem alimentadas pelo desaparecimento do campo do Outro (MACEDO, 2016). As “firmas”, as gangues, os subgrupos que agregam esses menores se utilizam de um discurso que tenta legitimar o sentido que o gozo não tem. Tarefa impossível que apaga o sujeito no coletivo. “Assistimos na contemporaneidade, ao estabelecimento do império do Um do real do gozo sobre o Outro simbólico das regulações próprias ao laço social” (PORTILLO, 2007, p.7). É a angústia que medeia a relação do sujeito com o não-todo, ocasionando a dualidade da tentativa de restabelecer o Outro todo sem garantias de gozo, ou assegurar-se do gozo por intermédio da overdose presenciadas no ato do sujeito jogar-se à morte, desde as práticas de auto-extermínio como aquelas em que se sacrifica a um excesso.

Sociedades de massas – isolamento acompanhado de um sentimento de fracasso e/ou exclusão – desenraizamento – cooptação e adesão irrestrita – superidentidades – em lugar das ideologias, as “fratrias de gozo” - naturalização da violência: parece que estamos diante de uma cadeia formadas pelos elos constituintes de um estado totalitário, o que parece indicar que, mesmo no seio de sociedades democráticas, diferentes formas de

organização totalitária poderão subsistir, sob a forma de microcosmos totalitários (MACEDO, 2016, p.58).

No movimento dos discursos, a falta se apresenta como ideologia de um estado totalitário, no qual é negada a todo custo. A denegação da falta nos discursos se mostra quando uma afirmação é feita como possibilidade e logo em seguida é negada pedindo assim a repetição de palavras como “não”, “nada” e “né”. “Não corre no sangue não”, “eu não sou bandido não”, “[...] eu não vou ter um futuro, eu vou ter é nada”, “Falcão, não dorme não”. “sou um cara que nem era para estar aqui não”. Nega ser bandido, mas sabe que será tratado como tal (PATTI; ROMÃO, 2011).

Nesse contexto o que cabe a Psicanálise? Aliados ao sujeito em mutação onde o enxame de significantes figura, a Psicanálise o convida a responder no campo da palavra a respeito de suas novas invenções, possibilitando a ele um tratamento para este gozo que emerge diante daquilo que falha, a função paterna (MATTOS, 2016, MILLER, 2004). “É na sustentação do discurso que o sujeito pode buscar identificação e apoio para suportar o ‘efeito de linguagem’ que é a angústia” (LAURENT, 2007, p. 169). Propõe-se algo que possibilite a passagem do gozo solitário do Um da violência para a dimensão do Outro simbólico do inconsciente (PORTILLO, 2007). É preciso reconstruir os discursos. “Neste processo, quando o sujeito toma a palavra, quando constitui uma narrativa aparelhada por um dispositivo capaz de possibilitar-lhe uma ancoragem no Outro, tem a chance de modificar seu lugar de enunciação” (MACEDO, 2016, p.61). Quando muitas vezes o discurso do sujeito o identifica a posição de objeto, de resto, de refugio, é preciso buscar distanciamento do discurso de vitimização que o mantém aprisionado na lógica vítima/ algoz.

Assim, em tempos de enfraquecimento da função paterna – do Nome-do-Pai – há de se considerar a necessidade da palavra emergir como possibilidade de bordejar o gozo que circula nas vias da violência e dos atos infracionais. Que seja uma palavra que possibilite o tratamento tanto na dimensão particular do sujeito, ocasionando a desnaturalização do discurso da violência e o aparecimento da falta, como também no âmbito da sociedade, recriando caminhos de cuidado e políticas públicas orientadas pelo viés da clínica do social.

Esse empoderamento sustentado pela emergência do sujeito do desejo significa furar a ideologia dominante, deslizar nos sentidos já estabelecidos, reconstruir os discursos. Este é o convite que a Psicanálise faz ao sujeito para seu (re)encontro com aquilo que lhe é singular. Quebra-se a naturalização do discurso do crime, mas há de se levar em conta os elementos inconscientes que levam aquele sujeito a ser capturado por esse discurso (PATTI; ROMÃO, 2011). Questiona-se sobre o que de cada um se apresenta nesse dilema. O documentário em si é uma tentativa de bordejar pela palavra o real de cada um, podendo haver a partir disso um questionamento daquilo que é naturalizado e até das incongruências de cada discurso. Nesse processo de reinvenção, inventa-se o que se pode inventar. É daí que o sujeito poderá tecer seu discurso não *no lugar de objeto*, mas *a partir do lugar de objeto* (MACEDO, 2016).

REFERÊNCIAS

BARROS-BRISSET, F.O. (relatora). Nota do enfraquecimento do pai. Revista Curinga, n.42. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – seção Minas Gerais, p.131-139, jul./dez. de 2016..

BRASIL, L. Michel pècheux e a teoria da análise de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. *Revista Ling. Est. e Pesq.*, Catalão-GO, vol. 15, n. 1, p. 171-182, jan./jun. 2011

CABAS, A. O Sujeito na Psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2009.

CAMPOS, S. Jovens.com: corpos e linguagens. *Revista Curinga*, n.42. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – seção Minas Gerais, p.15-25, jul./dez. de 2016.

CARVALHO, M. 7 em 10 atos infracionais em São Paulo envolvem adolescentes de 16 a 18 anos. *Estadão*, São Paulo, 15 jun. 2015. Disponível em: < <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,7-em-cada-10-atos-infracionais-em-sp-envolvem-adolescentes-de-16-a-18-anos,1704774> >. Acesso em: 20 mar. 2016.

CUNHA, C. (relatora). Adolescência: entre a emergência e a invensão. *Revista Curinga*, n.42. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – seção Minas Gerais, p.141-149, jul./dez. de 2016.

CURI, T. A Ruptura: anúncio da iniciação. In: CURI, T. (org.). *Entre Atos e Laços*. Belo Horizonte: Edição dos Autores, 2006. p.12-25.

DOR, J. *Introdução à Leitura de Lacan*, Editora Artmed, Porto Alegre: 1989.

ESTUPROS e homicídios somam 32% dos crimes cometidos por menores. *G1*, Piauí, 03 jun. 2015. Disponível em: < <http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2015/06/estupros-e-homicidios-somam-32-dos-crimes-cometidos-por-menores.html> >. Acesso em: 28 mar. 2016.

FALCÃO: Meninos do Tráfico. Direção: Celso Athayde e MV Bill. Rio de Janeiro: CUFA, 2006. Documentário, 57'46". Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=w6PWF1u3rhc> >. Acesso em: 23 de setembro de 2016.

FERRARI, I. Agressividade e Violência. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v.18, n.2, p.49-62, 2006.

FREUD, S. A Organização Genital Infantil: Uma Interpolação na Teoria da Sexualidade (1923). In: *Obras Psicológicas Completas: Edição Standart Brasileira*. Vol.XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

_____. O Mal-Estar na Civilização (1930). In: *Obras Psicológicas Completas: Edição Standart Brasileira*. Vol.XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

_____. Totem e Tabu (1913). In: *Obras Psicológicas Completas: Edição Standart Brasileira*. Vol.XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

_____. Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade (1905). In: Obras Psicológicas Completas: Edição Standart Brasileira. Vol.XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

LACAN, Jacques. A Agressividade em Psicanálise (1948). In: _____. Escritos. Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1998.

_____. O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu (1949). In: _____. Escritos. Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1998.

LAIA, Sérgio. Considerações Psicanalíticas sobre a Violência Urbana. Revista Latusa Digital, Ano 7, n. 40/41, Março e Junho de 2010.

LAURENT, É. A Sociedade do Sintoma: a psicanálise, hoje. Contra Capa Livraria, Rio de Janeiro, 2007. p.163 a p.178.

LEAL, F. Do Totem ao Pai e do Pai ao Mito. In: _____. O Pai ou Função Paterna em Lacan de A Família. Salvador: UCSal, 2010. p. 42-50. Disponível em: < http://tede.ucsal.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=216 >. Acesso em: 09 abr. 2016.

MACÊDO, L. Jovens.com: a experiência de desenraizamento. Revista Curinga, n.42. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – seção Minas Gerais, p.55-64, jul./dez. de 2016.

MATTOS, C.(relatora). Quais os impasses e soluções do jovem para a sintomatização do sexual hoje? Revista Curinga, n.42. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – seção Minas Gerais, p.115-129, jul./dez. de 2016.

MAPA da violência mostra aumento de 53,7% na taxa de homicídios em MG. G1, Minas Gerais, 18 mai. 2015. Disponível em: < <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2015/05/mapa-da-violencia-mostra-aumento-de-537-na-taxa-de-homicidios-em-mg.html> >. Acesso em: 06 abr. 2016.

MILLER, J. Em Direção a Adolescência. Minas com Lacan, 2015. Disponível em: < <http://minascomlacan.com.br/blog/em-direcao-a-adolescencia> >. Acesso em: 21/09/2016.

MILLER, J. A. Uma Fantasia. IV Congresso AMP. Comandatuba: 2004. Disponível em: < <http://www.congressoamp.com/pt/template.php?file=Textos/Conferencia-de-Jacques-Alain-Miller-en-Comandatuba.html> > Acesso em 06 abr. 2016.

OLIVEIRA, S.M.E. “Versões do pai no ensino de Lacan”. Agenda da Escola Brasileira de Psicanálise, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: < http://www.ebp.org.br/wp-content/uploads/2012/08/Sandra_M_E_Oliveira_Versoes_do_pai_no_ensino_de_Lacan_2.pdf > . Acesso em 25.09.16.

ORLANDI, E. Discurso, Imaginário Social e Conhecimento. Revista Em Aberto, Brasília, ano 14, n.61, p.53-59, jan./mar, 1994.

PARREIRAS, M. Menores fazem crescer violência no interior de Minas. EM Digital, Minas Gerais, 11 mar. 2012. Disponível em: < http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/03/11/interna_gerais,282747/menores-fazem-crescer-violencia-no-interior-de-minas.shtml>. Acesso em: 06 abr. 2016.

PATTI, A. e ROMÃO, L. Que Voz de Criança Fala no Tráfico? Psicologia Argumento, vol.29, n.66, p.269-283, jul./set. 2011.

PIMENTA FILHO, J. Adolescentes, qual transição hoje? Revista Curinga, n.20, p.123-130, nov. 2004.

PINTO, J. Adolescência: O Despertar do Sonho da “monossexualidade” infantil. In: Entre Atos e Laços. Belo Horizonte: Edição dos Autores, 2006. p.26-29.

PORTILLO, R., O Declínio do Ideal, a Exigência do Gozo. Latusa Digital, ano 2, número 16, julho de 2005. Disponível em: < http://www.latusa.com.br/pdf_latusa_digital_16_a1.pdf>. Acesso em 03. out. 2016.

POULICHET, S. O Conceito de Narcisismo. In: NASIO, J. Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise. Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1995. cap.3.

ROY, D. Metamorfoses. Revista Curinga, n.42. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – seção Minas Gerais, p.201-211, jul./dez. de 2016.
SECRETARIA DE ESTADO DE DEFESA SOCIAL (SEDS). Primeiro bimestre fecha com alta de 1,49% nos homicídios em Minas e queda de 11,61% em BH. Belo Horizonte, 30 mar. 2016. Disponível em: < <http://www.seds.mg.gov.br/component/gmg/story/2948-primeiro-bimestre-fecha-com-alta-de-1-49-nos-homicidios-em-minas-e-queda-de-11-61-em-bh>>. Acesso em: 06 abr. 2016.

SECRETARIA DE ESTADO DE TRABALHO E DESENVOLVIMENTO SOCIAL (SEDESE). Parceria para recuperar menor em conflito com a lei. Belo Horizonte, 03 jun. 2015. Disponível em: < <http://www.social.mg.gov.br/component/gmg/story/2787-parceria-para-recuperar-menor-em-conflito-com-a-lei>>. Acesso em: 06 abr. 2016.